



## ***ENTRE RELÓGIOS E RECREIOS: memórias e transformações do tempo na Escola Modelo Benedito Leite***

Delcineide Maria Ferreira Segadilha



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p24-46>

Artigo recebido em 01 de Junho e publicado em 01 de Julho de 2025

### ARTIGO ORIGINAL

#### RESUMO

Este artigo analisa as transformações do tempo escolar na Escola Modelo Benedito Leite, em São Luís-MA, entre 1900 e 1920, período marcado pela consolidação do modelo político republicano e pela modernização educacional no Brasil. Nesse sentido, tem-se como objetivo: analisar o tempo como um elemento em constante transformação na cultura escolar da Escola Modelo Benedito Leite, em São Luís-MA, no período de 1900 a 1920. Metodologicamente, adotou-se abordagem qualitativa fundamentada na História Cultural (Roger Chartier) e nos estudos sobre o tempo escolar de António Viñao Frago. Analisou-se regulamentos escolares, relatórios e mensagens da direção da escola para o governo do estado, com ênfase na organização do tempo escolar e suas implicações culturais, pedagógicas e sociais. O recorte temporal (1900-1920) abrange a fundação da escola e a primeira fase de institucionalização dos grupos escolares no Maranhão. Os resultados mostram que o tempo escolar foi racionalizado por meio de horários rigorosos, intervalos e calendários cívico-religiosos, conectando a escola aos ideais de progresso e ordem. Solenidades, como formaturas, reforçaram a educação como um instrumento de progresso e civilização. Entretanto, desafios como epidemias, abandono escolar e tensões entre a modernidade imposta e as realidades vividas evidenciaram os limites desse processo. Concluiu-se que a organização do tempo escolar na Escola Modelo Benedito Leite evidenciou as transformações culturais e sociais da modernidade, promovendo a disciplinarização e a ideia de cidadania. Apesar das dificuldades, a escola consolidou práticas que moldaram hábitos, valores e identidades, contribuindo para a formação de uma sociedade ajustada aos ideais republicanos.

**Palavras-chave:** Tempo, Memórias e transformações, Escola Modelo Benedito Leite.



# BETWEEN CLOCKS AND RECREATIONS: MEMORIES AND TRANSFORMATIONS OF TIME AT THE BENEDITO LEITE MODEL SCHOOL

## ABSTRACT

This article analyzes the transformations of school time at the Benedito Leite Model School in São Luís, MA, between 1900 and 1920, a period marked by the consolidation of the republican political model and educational modernization in Brazil. In this sense, we aim to analyze time as a constant element in the school culture of the Benedito Leite Model School in São Luís, MA, from 1900 to 1920. Methodologically, a qualitative approach based on cultural history (Roger Chartier) and studies on the school time of António Viñao Frago was adopted. School regulations, reports, and messages from the school board for the State Government were analyzed, with emphasis on the organization of school time and its cultural, pedagogical, and social implications. The temporal cut (1900-1920) covers the founding of the school and the first phase of institutionalization of school groups in Maranhão. The results show that school time was rationalized through strict hours, intervals, and civic-religious calendars, connecting the school to the ideals of progress and order. Solemnities, as graduations, reinforced education as an instrument of progress and civilization. However, challenges such as epidemics, school abandonment, and tensions between imposed modernity and lived realities showed the limits of this process. It was concluded that the organization of school time at the Benedito Leite Model School showed the cultural and social transformations of modernity, promoting the disciplinarization and the idea of citizenship. Despite the difficulties, the school consolidated practices that shaped habits, values, and identities, contributing to the formation of a society adjusted to republican ideals.

**Keywords:** Time, Memories and Transformations, Model School Benedito Leite.

Instituição afiliada – Universidade Federal do Maranhão- UFMA.

Autor correspondente: *Delcineide Maria Ferreira Segadilha* [delcineide.maria@ufma.br](mailto:delcineide.maria@ufma.br)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## **INTRODUÇÃO**

No compasso dos relógios e no intervalo dos recreios, desenhou-se a história da Escola Modelo Benedito Leite, um palco onde o tempo deixou de ser apenas uma medida e tornou-se um maestro, regendo a vida de professores, alunos e da própria sociedade. Os ponteiros, que antes giravam sob a batuta da vontade individual, passaram a se ajustar ao ritmo das fábricas, ao pulsar do capital, ao som das sinetas que marcavam o início e o fim de cada ato escolar.

A Escola Modelo Benedito Leite é considerada pode ser considerada uma escola que teria atendido majoritariamente a elite de São Luís, contudo, acreditamos que, embora o seu perfil de escola moderna e bem equipada tenha possibilitado a construção dessa representação, essa escola foi, não exclusivamente, o principal instrumento de difusão dos princípios norteadores da República no campo cultural, exercendo o papel civilizador atribuído à educação brasileira no início da República em São Luís.

A proclamação da República despontou a tarefa de construção da nacionalidade brasileira, atribuindo para a educação parcela relevante desse processo. Nesse sentido, os Estados, por meio das reformas educacionais, procederam a implementação das mudanças no âmbito da educação. Desse modo, tendo como eixo desse processo a educação primária, a Escola Modelo Benedito Leite, em São Luís, funcionou como centro irradiador da concepção de educação a instituir-se no Brasil com a República para o Estado como um todo. Nesse conjunto, elemento de necessário destaque no processo de constituição da cultura escolar da Escola Modelo Benedito Leite, diz respeito ao tempo escolar, objeto de estudo deste artigo.

Desse modo, analisar o tempo como um elemento em constante transformação na cultura escolar da Escola Modelo Benedito Leite, em São Luís-MA, no período de 1900 a 1920, constituiu o objetivo geral desta pesquisa. Isto com o intuito de verificar em que medida o tempo se constituiu um elemento em constante transformação na cultura escolar da Escola Modelo Benedito Leite, em São Luís-MA, no período de 1900 a 1920, usado como ferramenta disciplinadora de indivíduos? Espera que os análises realizadas contribuam para ampliar o entendimento sobre a relação entre educação e construção



social.

## METODOLOGIA

Viñao Frago (1995) argumenta que o tempo escolar é uma construção histórica e social, ou seja, não é algo natural ou fixo, mas resultado de decisões culturais, políticas e pedagógicas ao longo da história. Enfatiza que o tempo escolar reflete as necessidades e valores de cada época, sendo moldado por fatores como a industrialização, a urbanização e as transformações nas demandas sociais. Considera o tempo não apenas como um recurso organizacional, mas um elemento constitutivo da cultura escolar, que define as práticas, os rituais e as relações dentro da escola. Esclarece que a organização do tempo escolar (como horários, calendários e períodos de aula) influencia diretamente as formas de ensino, os ritmos de aprendizagem e as interações entre professores e alunos. Nesse sentido, Frago concebe o tempo escolar como um elemento central na construção da cultura escolar, que vai muito além de um simples recurso administrativo. Ele o entende como uma força estruturante que organiza as práticas pedagógicas, os ritmos de aprendizagem e as relações sociais dentro da escola.

Desse modo, neste artigo, trazemos como objetivo geral: analisar o tempo como um elemento em constante transformação na cultura escolar da Escola Modelo Benedito Leite, em São Luís-MA, no período de 1900 a 1920. Isto, para responder ao problema: em que medida o tempo se constituiu um elemento em constante transformação na cultura escolar da Escola Modelo Benedito Leite, em São Luís-MA, no período de 1900 a 1920, usado como ferramenta disciplinadora de indivíduos? Situamos esta pesquisa na dimensão da História Cultural, em Roger Chartier; no domínio da História da Educação; no campo temático do tempo escolar em Viñao Frago; de abordagem qualitativa. O recorte temporal justifica-se por ser 1900 o ano do início do funcionamento da Escola Modelo Benedito Leite, e 1920 o início da segunda fase da institucionalização dos grupos escolares no Maranhão. Escolas implementadoras do modelo de educação moderna a instituir-se no país. Quanto aos procedimentos de constituição dos dados empíricos, utilizamos a pesquisa bibliográfica e documental.

Na pesquisa bibliográfica, tomamos como principal referência o livro *O mestre e*



a escola de Antonio Barbosa de Godóis (1910a). No qual este autor discorre sobre o processo de institucionalização da concepção de educação escolar difundida no Brasil, detalhando minuciosamente todos os procedimentos do que considerava o modelo de educação ideal para o desenvolvimento de um povo. Levando em conta ter sido Antonio Barbosa de Godóis o principal responsável pela estruturação da Escola Modelo Benedito Leite, acreditamos conseguir apreender, pela exposição por ele realizada, elementos reveladores do caráter da cultura que se instituiu na Escola Modelo Benedito Leite. Como fontes, usamos ainda o Regulamento dessa escola de 1905 (Maranhão, 1905); além de relatórios e mensagens da direção da Escola Modelo Benedito Leite aos governadores do Estado do Maranhão. Sobre a análise dos dados, fazemos uso da interpretação e inferência.

Trazemos para esta análise o enfoque da cultura escolar em Frago (1995) e representações em Chartier (2002ab). Sobre cultura escolar, Frago (1995), a define com toda a vida da escola, contudo, conformada por aspectos que assumem preponderância sobre o fazer da instituição escolar, considerados organizadores, definidores desta cultura, a saber: o tempo, o espaço e a linguagem ou modos de comunicação. Nesse sentido, Frago (2000, p. 2-3) concebe cultura escolar:

[...] como un conjunto de teorias, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inercias, hábitos y prácticas – formas de hacer y pensar, mentalidades y comportamientos – sedimentadas ao longo do tempo em formas de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puesta en entredicho y que proporcionan estrategias para intregarse em dichas instituciones , para interactuar y para llevar a cabo, sobre todo e aula, las tareas cotidianas[...] Sus rasgos característicos serían la continuidad y la persistência en la tempo [...].

Em tal acepção Frago (2000) transita das normas e princípios às resistências e estratégias como cultura escolar. Desse modo, ressaltamos que nossas análises estão direcionadas à institucionalização das normas e princípios, que não sem resistências, iniciaram um processo de mudança cultural, do qual a permanência será conteúdo. Embora o nosso enfoque recaia muito mais sobre o que foi imposto como novos modos de ser e fazer na Escola Modelo Benedito Leite, compreendemos a cultura escolar como expressão do fazer dos diferentes agentes do ambiente escolar, declarados, muitas vezes, pelas ausências e inércias do ambiente escolar.

O cenário brasileiro instituído com a proclamação da República pode ser compreendido a partir das contribuições de Chartier (2002a, 2002b), quando se



consegue articular a simbologia às formas de fazer crer, permitindo-se uma compreensão do ponto de vista das representações coletivas. Assim, a ideia de representações, segundo Chartier (2002b, p. 17), como “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” – ou seja, concepções mentais de organização do real, orientadoras das práticas, classificadoras e hierarquizadoras desse mesmo real – constitui-se relevante noção teórica e epistemológica para realização deste estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### O tempo como elemento da modernidade

O tempo, outrora livre e maleável, foi domado. Não mais se almoça às nove, nem se janta às quatro, como nos versos de Drummond (1974). O dia, agora retalhado, pertence ao relógio, que dita as horas de aprender, brincar e descansar. Na Escola Modelo Benedito Leite, o regulamento de 1905 trouxe ordem ao que consideravam caos, com horários precisos e intervalos obrigatórios, como se cada momento fosse uma nota em uma partitura cuidadosamente composta.

As aulas, entre nove e treze horas, eram intercaladas por pausas que permitiam aos alunos respirar, sonhar e, talvez, vislumbrar a liberdade que azulava os céus da infância. Até as férias e os feriados eram marcados por datas cívicas e religiosas, costurando o tempo escolar ao tecido da memória nacional, em que o progresso era o destino almejado por todos. O seguinte poema de Drummond de Andrade (1974, p. 99) resume bem essas mudanças:

Rosa trouxe costumes elegantes da Capital,  
já não se almoça às 9 da manhã e não se janta às 4.  
(O resto, o dia imenso, todo meu.) Tudo é mais tarde, lento,  
e há uma fome! uma fome!  
Rosa trouxe a moda, com requintes de enfeites e maneiras.  
Há um silêncio de colégio francês no mastigar.  
Certas comidas surgem transformadas, muda a vida.  
Azulou a divina liberdade.

Sobre o elemento tempo, Souza (1998) enfatiza a perda do domínio do mesmo pelas pessoas. A escola, acostumada a fazer o seu tempo, teria à sua frente a tarefa de aprender a adequar-se ao mesmo. O tempo escolar se harmonizava ao tempo social. A



autora ressalta mudanças de hábitos na sociedade paulista, tais como os horários das refeições. Lembra que até 1870 era denominada almoço a refeição das 7 horas da manhã, jantar a refeição das 11 horas da manhã e ceia entre 3 e 4 horas da tarde. No início do século XX, o adiantamento dos horários exigiu adequações a um estilo de vida urbano e o jantar, última refeição do dia, ficou entre 7 e oito horas da noite. O tempo que se impôs, foi o tempo do relógio, do capital.

O regulamento da Escola Modelo Benedito Leite do ano de 1905 considerou o aspecto tempo delineando todo o funcionamento da mesma, como se pode observar em alguns de seus artigos:

Art. 10. As aulas funcionarão entre 9 horas da manhã e 1 da tarde, podendo estender-se até às duas, nos dias em que a conveniência do ensino exigir essa alteração no horário.

Parágrafo único. Os exercícios escolares far-se-ão em duas secções, separadas por um intervalo de 30 a 40 minutos, destinados ao recreio.

Art. 11. Entre as diferentes disciplinas haverá intervallos de recreio, durante 10 minutos sempre que qualquer d'ellas tiver a duração de mais de uma hora.

Parágrafo único. Em hypotese alguma, o trabalho mental dos alumnos irá além d'uma hora, sem a interrupção d'quelle intervallo.

Art. 12. Os 50 minutos de occupção serão nos annos inferiores applicados a duas matérias diversas, sempre que for possível, separados por cantos escolares com movimento, durante cinco minutos.

[...] Art.25. Na hora designada para o começo e fim do recreio, será dado o annuncio por uma das vigilantes por meio de um toque de sineta.

[...] Art. 28. As férias na Escola Modelo irão de 25 de Novembro a 31 de Janeiro.

Art. 29. Serão tambem feriados os domingos, dias de festa nacional e estadual, podendo o Director, na ocorrência de motivos justos, dispensar em outros dias o funcionamento da Escola (Maranhão, 1905, p. 41).

Verificamos que pela imposição de normas institucionais a vida dos agentes da escola ia sendo ordenada: o início do ano letivo, os horários do dia, o movimento das aulas, o recreio, as férias. Todos os momentos da vida estavam amarrados sob condições sociais produzidas. Souza (1998) assinala que o calendário escolar condicionou-se às cronologias religiosa e cívica, como podemos verificar no disposto no Artigo 29 do Regulamento citado. Nesse contexto, tinha-se o domingo, com função religiosa específica, e as datas cívicas, tais como descobrimento, independência do Brasil, proclamação da República, abolição da escravatura, enfim, um conjunto de práticas voltado à construção da memória nacional em que o ser percebido indivíduo-cidadão associava à ideia de progresso a sua *performance* nesse cenário. Quanto mais ajustado, mais produtivo. Sobre a importância de que a escola acompanhasse as mudanças, Godóis (1910a, p. 11-12) assim expressou-se:



Com essas transformações, novos horizontes surgem, novas exigências aparecem, reclamando um novo ideal de cultura. Não é de balde que passam os anos: eles trazem consigo, n'uma elaboração lenta, a modificação no sentir e pensar das épocas precedentes e a escola tem de acompanhar, *pari-passu*, a essa remodelação social, tem de aparecer com a face nova, para poder continuar a ser o termómetro da civilização d'um povo.

As referências feitas por Godóis (1910a) à necessidade de acompanhamento das mudanças sociais pela escola, como um novo ideal de cultura incluem, certamente, a racionalidade do tempo escolar tão bem observada no estabelecimento dos horários de aulas, recreio, entrada, saída, férias e outros, definidos por ele mesmo. Utiliza expressões como “remodelação social, face nova, termómetro da civilização”, em um indicativo de sua confiança nos preceitos da educação moderna para São Luís.

Frago (1995) concebe o tempo como um elemento de relevância superior na conformação da cultura escolar. Coloca o tempo e o espaço como componentes que conformam e definem a cultura de uma escola. Explica que o tempo escolar é um tempo prescrito e definido, condicionante e condicionado por outros tempos sociais. É um tempo aprendido, uma construção cultural e pedagógica.

### **Ritmos e contratempos**

Mas nem sempre o tempo correu sem tropeços. Epidemias, como a varíola que assolou São Luís em 1908, quebraram o ritmo das aulas, afastando alunos e deixando bancos vazios. O abandono escolar, silencioso e doloroso, era uma sombra que pairava sobre a escola, reflexo das tensões entre a modernidade imposta e as realidades vividas. Crianças deixavam os cadernos para empunhar ferramentas, enquanto os pais, insatisfeitos com os resultados, buscavam outros caminhos para seus filhos. Ainda assim, a escola persistia, como uma embarcação enfrentando as ondas, ajustando suas velas ao vento da mudança.

Souza (1998) reforça que o ritmo do calendário sofria constantes quebras com as epidemias de varíolas e outras doenças que assolavam as populações em geral, a exemplo da de São Luís. Situação que pode ser verificada pelas declarações de Barbosa de Godóis no Relatório da Escola Modelo do ano de 1908, no qual atribuiu a causa do baixo número de alunos aprovados às “epidemias de varíola que durante meses flagelaram São Luís [...] diminuindo visivelmente a frequência escolar” (Escola Modelo



Benedicto Leite, 1909a, p. 4).

Em continuidade ao Relatório da Escola Modelo de 1908, Godóis, acerca do quadro geral da Escola, comentou que, além das epidemias vivenciadas por São Luís, outros motivos levavam os alunos a abandonar os estudos. Entre vários, citou a mudança de residência pelos pais e o descontentamento dos pais com o rendimento dos filhos. Declarou ainda que muitos dos alunos promovidos no ano de 1907 deixaram de frequentar a Escola, não se matriculando no ano de 1908, voltando-se, talvez, para outras atividades, sobre o que ele informa: “nem todos os alunos que haviam sido promovidos nas classes superiores em 1907 continuaram a frequentar a Escola. Alguns delles foram retirados pelos pais para diversos misteres, satisfazendo-se com a cultura já adquirida” (Godóis, 1909a, p. 1-4).

Tais circunstâncias nos permitem observar os conflitos silenciosos existentes, também, na Escola Modelo Benedito Leite, estabelecidos com a nova ordem da vida, ou seja, com as mudanças advindas da hegemonia do modo de produção capitalista. Para Souza (1998), o trabalho infantil foi fator determinante para o abandono da escola também naquele período, evidenciando a incoerência entre os modelos de vida dos diferentes agentes do contexto social.

Era a hegemonia do modelo de vida do sistema capitalista a impor-se. Os alunos deixavam a escola para outras atividades. Embora Godóis (1909a) não diga quais atividades, e não possamos aferir tais elementos, as colocações do diretor nos permitem inferir sobre a existência de abandono escolar. Para quem institucionaliza a mudança, parece natural a rejeição do diferente ao que se impõe como a melhor forma de vida. Frago (1995), acerca da inversão do enfoque dos estudos históricos sobre o analfabetismo para a alfabetização, ressalta a necessidade de se identificar no processo de alfabetização imposto com a modernidade interesses e procedimentos que subjazem a este mesmo processo, na perspectiva de que se perceba a mutação antropológica que esse processo viabilizou. Na escola moderna, o recreio, as férias, os exames escolares, o final do ano letivo constituíam-se tempos não mensuráveis, mas demarcadores da vida. Souza (1998, p. 219) esclarece:

Além do ritmo cadenciado pelo exercício e pelo trabalho, a escola primária, especialmente o grupo escolar, era abrigo de outras dimensões temporais não mensuráveis, porém, implicados nos ritos e nas percepções do vivido – o recreio, as festividades, os exames, o encerramento das aulas, as férias. Tempos de dimensão imensurável, tempos recortados, fragmentados,



aproveitados, lembrados e esquecidos.

A Escola Modelo Benedito Leite não fugiu a essa regra, instituiu os seus tempos, esquecendo o que precisava ser esquecido, a exemplo do abandono escolar, e demarcando o que fora eleito para ser lembrado. O que pode ser percebido nos frequentes anúncios das solenidades de entrega dos diplomas aos iniciados, que conseguiam decifrar o código de entrada para a civilização, observável em correspondência de Godóis ao governo do Estado:

São Luís, 16 de novembro de 1909

Ao Exm<sup>o</sup> Governador do Estado

Comunico-vos que em comemoração à data da adesão do Estado à Proclamação da República no país, effectuar-se-há no próximo dia 18 do mez corrente e em sessão solene da Congregação do corpo docente desta Escola e do curso a ella anexo a entrega de diploma aos alunos desses dois institutos que terminaram os seus estudos neste anno. A solenidade será ao meio dia.

Saúdo-vos.

O Director

Antonio Baptista Barbosa de Godóis (Godóis, 1909b, p. 1).

Não são poucas, nos jornais de grande circulação e correspondências da Escola Modelo Benedito Leite para o governo do Estado, as notas referentes às solenidades de diplomação dos alunos concludentes dos diversos institutos educacionais de São Luís. Entretanto, dirigindo a nossa atenção à comunicação transcrita, observamos claras alusões de teor patriótico, especialmente pela determinação do governo em associar a adesão do Estado à Proclamação da República à entrega de diploma aos promovidos, assim como de reafirmação do poder da educação. Construía-se assim a representação acerca da educação como a de redentora, a solução para todos os problemas que afligiam a humanidade. Situação evidenciada no posicionamento de Oliveira (1874, p. 55):

Ninguém mais ignora que da instrução é que nascem os bons costumes, o amor ao trabalho e todas as virtudes, que fazem a felicidade das nações. Que os povos contam seus progressos pela destruição das barreiras da ignorância ou pelos elementos novos, que as conquistas do espírito offerecem ao desenvolvimento da civilização. Consultai o economista, o político, o moralista, o homem que quizerdes, todos vos responderão que a instrução é o bem mais estimável que existe.

Esse conteúdo salvacionista acerca da educação era constantemente reforçado por Barbosa de Godóis (1910a, p. 173), que advogava:

Tudo indica que o impulso vigoroso, dado à instrução primária, está produzindo fructos beneficos; e si pela instrução do povo, modelada nos novos methodos, que teremos de chegar ao ideal da reforma social, projectada com o nosso movimento escolar, podemos lisonjear-nos de que a reforma vae tendo de converter em brilhante realidade.



No transcrito Godóis atribui à educação o poder da reforma da sociedade, notadamente, pelo poder do método. Essas eram representações que se difundiam pelos eventos da escola no ideário social, divulgando as peças de construção das representações que, doravante, permeariam a realidade de São Luís, também.

Tal conteúdo harmoniza-se ao projeto de construção da nação brasileira, ao caráter regenerador atribuído à educação. Esse constructo é bem evidenciado por Chartier (2002a) em seu trabalho *O mundo como representação*, quando explica que as formas de teatralização da vida social no Antigo Regime exemplificam bem a perversão da relação de representação. Adverte, portanto, que todos procuram fazer crer que a coisa não existe fora da existência que a imagem lhe imprime. Assim, as festividades escolares conseguiam, pela pujança de suas apresentações, construir a ideia da existência da grandeza do ser unicamente pelo viés do saber científico. Chartier (2002a, p. 75) esclarece:

A relação de representação é assim turvada pela fragilidade da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os sinais visíveis como indícios seguros de uma realidade que não existe. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, em um instrumento que produz uma imposição interiorizada, necessária lá onde falta o possível recurso à força bruta.

Uma imposição interiorizada, seria a melhor expressão para resumir o sentido das encenações, especialmente das formaturas, na vida de pessoas de realidades tão diferentes como no caso de São Luís do Maranhão. Cidade visivelmente dividida entre grupos sociais que disputavam o poder político e econômico; população inserida economicamente no mercado de trabalho, organizada em frágeis associações; e aqueles que não aparecem nem nas análises de cunho acadêmico.

A escola, a partir do contexto no qual se insere, tem a sua parcela de influência na sociedade, capaz da produção do que Chartier (2002b) classifica como frustrações indeléveis. Desse modo, associado ao ritmo desse processo de institucionalização do tempo, tinha-se a visão da educação como uma espécie de redenção. As formaturas, com suas solenidades e discursos, eram mais que celebrações – eram encenações de um ideal. A entrega de diplomas, agregada a datas como a Proclamação da República, simbolizava a esperança de um futuro melhor, para o qual o saber seria a chave para abrir as portas do progresso e da civilização. Realidade atravessada pelos contratempos



da epidemias, despontamento dos pais com o rendimento escolar dos filhos e engajamento das crianças no trabalho com os pais.

### **A educação e o tempo na construção da cultura escolar**

As manifestações anteriores de Godóis (1910a) e Oliveira (1874) expressam a representação de educação do final do século XIX e início do século XX. Godóis, com suas palavras carregadas de otimismo e uma visão profundamente enraizada no progresso social, via na escola o verdadeiro termômetro da civilização, um espaço sagrado onde o tempo e os esforços humanos eram cuidadosamente moldados para formar cidadãos ajustados, produtivos e plenamente conscientes de seu papel na construção e no fortalecimento da nação. Para ele, a escola não era apenas um local de transmissão de saberes, mas um palco onde se encenava o grande teatro social, em que cada gesto, cada ritual cotidiano — desde o toque do sino até o alinhamento das carteiras — desempenhava um papel simbólico e funcional no processo de formação dos indivíduos. Nesse cenário, a educação assumia o papel de protagonista, guiando mentes e corações rumo a ideais de ordem, progresso e cidadania.

Nesse direcionamento, aspecto a ser destacado acerca da imposição do tempo social sobre o tempo escolar é o da elaboração dos horários, elemento considerado por Souza (1998) como uma arquitetura temporal escolar de caráter regulador, educativo e disciplinador. Aparentemente benfazejo, o horário carrega consigo ampla potencialidade quanto à construção de subjetividades. A atenção à organização do horário escolar tomou corpo com a introdução do ensino simultâneo, da racionalização do trabalho escolar e da execução dos programas escolares extensos e abrangentes. Os horários na Escola Modelo Benedito Leite e Grupos Escolares, estabelecidos pela direção, deveriam ser cumpridos com rigor. Segue o horário da primeira cadeira dos grupos escolares, segundo o Quadro 1:

Quadro 1 - Horário das aulas da Primeira Cadeira dos Grupos Escolares

<b>Horas</b>	<b>2ª e 4ª feiras</b>	<b>Horas</b>	<b>3ª e 5ª feiras sábado</b>	<b>Horas</b>	<b>6ª feiras</b>
9:00 às 9:15	Entrada, Inspeção, Cântico	9:00 às 10:00	Educação Physica	9:00 às 9:15	Entrada, Inspeção, Cântico



9:15 às 10:15	Língua Materna	10:00 às 10:25	Trânsito/descanso	9:15 às 10:15	Língua Materna
10:15 às 10:25	Descanso	10:25 às 10:55	Língua Materna	10:15 às 10:25	Descanso
10:25 às 10:40	Instrução Cívica	10:55 às 11:05	Descanso	10:25 às 10:40	Cálculo
10:40 às 10:55	Exercícios orais	11:05 às 11:25	Cálculo	10:40 às 11:00	Desenho
10:55 às 11:05	Descanso	11:25 às 11:55	Recreio	11:00 às 11:10	Descanso
11:05 às 11:25	Lugar	11:55 às 12:25	Exercícios gráficos	11:10 às 11:25	Tamanho
11:25 às 11:55	Recreio	12:25 às 12:35	Canto	11:25 às 11:55	Recreio
11:55 às 12:25	Exercícios gráficos	12:35 às 12:50	Forma	11:55 às 12:25	Exercícios gráficos
12:25 às 12:35	Canto	12:50 às 13:00	Cântico	12:25 às 12:35	Canto
12:35 às 12:50	Forma	13:00	Despedida	12:35 às 12:50	Ensino Objetivo
12:50 às 13:00	Cântico e despedida				Cântico e despedida

Fonte: Maranhão (1904)

O horário escolar, organizado sequencialmente, estabelecia o ritmo para o movimento das mentes e dos corpos, funcionando como um mecanismo disciplinador. Nesse contexto, é possível observar que instituições como a Escola Modelo Benedito Leite, os grupos escolares, as escolas estaduais e municipais seguiam esses princípios, embora adaptados às condições e realidades vigentes. Souza (1998, p. 222) destaca que o horário escolar introduzia dualidades disciplinadoras, como: “tempo de trabalho e tempo de descanso, tempo ocupado e tempo livre, tempo de aprender e tempo de brincar, tempo de atividade e tempo de ócio, tempo de silêncio e tempo de falar [...], além de uma fragmentação do saber”.

Essa fragmentação determinava quanto se deveria aprender de cada disciplina e criava uma hierarquia de valores, definida pelo tempo dedicado a cada matéria. Para Souza (1998), o tempo escolar não apenas organizava o aprendizado, mas também



servia como instrumento de estruturação da vida humana, promovendo a contenção dos impulsos, a obediência, a sincronia dos ritmos e o cultivo de hábitos de ordem e trabalho. Sobre a disposição do tempo escolar, o Regulamento das Escolas Normal, Modelo e Grupos Escolares, determinado pelo Decreto nº 55, de 27 de junho de 1905, estabelecia que:

#### CAPÍTULO III

Art. 26. Terminado o prazo para a matrícula, o secretário da Escola organizará para cada aula um livro com lista nominal dos alunos matriculados.

Art. 27. As aulas da Escola Normal abrir-se-hão no dia 1º de fevereiro de cada anno, ou no seguinte, quando aquelle for impedido, e encerrar-se-hão no dia 15 de outubro.

Art. 28. Os trabalhos quotidianos efectuar-se-hão dentro dos limites de 8 horas e 4 horas da tarde, em duas secções, reservando um intervalo regular para as refeições. Art. 29. As lições deverão durar de 15 minutos a uma hora, podendo o quarto de hora de diferença poder ser guardado pelas professoras, antes da entrada das aulas, e sendo obrigatório, quando houver duas aulas consecutivas para os mesmos alunos.

#### CAPÍTULO V

##### Dos Exames

Art. 42. Os Exames da Escola Normal começarão dentro dos 15 dias que se seguirem ao encerramento das aulas e durarão o tempo necessário para serem julgados os alunos de todas as disciplinas.

Art. 42. Os Exames

#### CAPÍTULO VIII

Art. 43. Compete aos professores:

a) A observância rigorosa do programa e horários das respectivas aulas.

##### Dos vigilantes

Art. 47. Incube-lhes, outrossim:

a) Dar o sinal para a entrada das aulas e guiar os alunos até os compartimentos respectivos.

§Único. As vigilantes devem estar no estabelecimento meia hora, pelo menos, antes da hora designada para o começo dos trabalhos.

#### CAPÍTULO X

##### Dos Alumnos

Art. 53. Os alunos deverão achar-se na Escola na hora marcada no horário das classes para o trabalho (Maranhão, 1905, p. 9-10).

As orientações que normatizavam o horário das Escolas Normal, Modelo e Grupos Escolares descreviam em detalhes as ações dos agentes desse processo: professores, vigilantes, secretários, alunos(as), todos(as) passavam a ter suas vidas organizadas em função da implementação dos deveres que deveriam ser cumpridos com diligência. Eram elementos pequenos, mas que passaram a construir sentimentos como o de pertencimento à escola, à cidade, ao Estado e ao país. Criava-se um conjunto de ideias significativas a envolver cada um harmonicamente. Os artigos que destacamos do Regulamento nos passam essa ideia de harmonia. Não obstante, essa harmonia se quebrava, como mencionado anteriormente, pelas epidemias de varíola, como expõe o diretor da Escola Modelo, Barbosa de Godóis no relatório de 1908. Eis o conteúdo:



[...] Não obstante a multiplicidade de factos que nesse período de tempo embaraçaram a marcha regular dos trabalhos escolares, conseguimos no fim do anno lectivo um resultado que si numericamente ficou aquém um pouco do desejável não deixou, todavia, a corresponder às exigências do respectivo Regulamento.

As epidemias de varíola que durante meses flagelaram a esta Capital arredaram das aulas, durante algum tempo, a um crescido número de alunos, tornando-se em varias classes muito reduzida a frequência. [...] Em tais circunstâncias o numero de promoções nas classes em que as faltas mais se prolongaram, teve de ser inferior ao que fora de desejar em condições normais (Escola Modelo Benedito Leite, 1909a, p. 1).

Diante dessa informação, verificamos que a relação matrícula/aprovação foi realmente preocupante na Escola Modelo Benedito Leite no ano de 1908, como se pode observar na Tabela 1. O relatório não informa o número de reprovados como o faz nos anos subsequentes, certamente pelo número elevado de abandono.

Tabela 1 - Matrícula e aprovação por cadeira, Escola Modelo Benedito Leite, 1908

<b>Matrícula - Quantidade alunos</b>	<b>Aprovação</b>
1ª aula do 1º ano – 48	14
2ª aula do 1º ano – 42	23
1ª aula do 2º ano – 24	07
2ª aula do 2º ano – 24	03
1ª aula do 3º ano – 27	08
2ª aula do 3º ano – 27	09

Fonte: Elaborado a partir de Escola Modelo Benedito Leite (1909)

Com a finalidade de observarmos a relação matrícula e aprovação em anos posteriores a 1908, apresentamos os resultados dos anos 1910 e 1911, segundo as Tabelas 2 e 3.

Tabela 2 - Matrícula, aprovação e reprovação por cadeira, Escola Modelo Benedito Leite, 1910

<b>Matrícula</b>	<b>Apr ova ção</b>	<b>Reprovação</b>
1ª aula do 1º ano - 51 alunos	37	14
2ª aula do 1º ano - 48 alunos	22	26
1ª aula do 2º ano - 30 alunos	24	01



2ª aula do 2º ano - 29 alunos	22	01
1ª aula do 3º ano - 25 alunos	18	03
2ª aula do 3º ano - 26 alunos	15	07

Fonte: Elaborado a partir de Escola Modelo Benedito Leite (1910)

Tabela 3 - Matrícula, aprovação e reprovação por cadeira, Escola Modelo Benedito Leite, 1911

Matrícula	Aprovação	Reprovação
1ª aula do 1º ano - 52 alunos	34	1 3
2ª aula do 1º ano - 46 alunos	28	1 8
1ª aula do 2º ano - 29 alunos	20	0 6
2ª aula do 2º ano - 30 alunos	26	0 1
1ª aula do 3º ano - 29 alunos	20	0 9
2ª aula do 3º ano - 29 alunos	15	1 4

Fonte: Elaborado a partir da Escola Modelo Benedito Leite (1911)

Pelos dados transcritos podemos verificar que realmente o ano de 1908 apresentou um resultado negativo em relação à aprovação, se comparado aos anos de 1910 e 1911. Certamente a epidemia de varíola que acometeu São Luís nesse período deve ter, entre outros motivos, contribuído para esse quadro. Contudo, os anos subsequentes (1910, 1911) apresentam um quadro bem melhor, mas ainda com número de reprovação elevado em algumas aulas, a exemplo da 2ª aula do 1º ano, com matrícula de 48 alunos e reprovação de 26 alunos, em 1910. Em 1911, a mesma aula matriculou 46 alunos e reprovou 18.

Apesar de não ser nosso objetivo nesse tópico a verificação de dados estatísticos da Escola Modelo Benedito Leite, trouxemos alguns, no sentido de atentarmos para as relações possíveis entre elementos da cultura da escola como o tempo, que passa completamente despercebido nas práticas, e os resultados finais, alvo das atenções.

Sobre o tempo escolar, Escolano (1998) explica não ser o tempo em princípio um domínio natural das pessoas, “mas sim uma ordem que tem de ser aprendida, uma forma cultural que deve ser experimentada”. Comenta ainda: que nas sociedades industriais “a criança necessita de sete a nove anos para aprender o tempo, isto é para



chegar a entender e ler o complicado sistema de relógios e calendários. Os relógios escolares [...] organizam as primeiras percepções cognitivas da temporalidade”. (p. 44).

A importância dada à aprendizagem do tempo é tão ampla que o “estudo do relógio” se tornou matéria escolar. Esse planejamento do tempo demonstra, igualmente, os processos de ritualização e teatralização do ambiente escolar, instaurando ritmos e gestos, fazendo do funcionamento da escola, um ofício com significado. As formalidades, tais como: “entrada, intervalos, preparação para o recreio, mudança de atividade/aula, distribuição de prêmios de comportamento, preparação e saída” são práticas simbólicas asseguradoras da identidade da escola como “instituição especial dotada de normas e códigos próprios”. Esse conjunto de gestos e costumes instituíam significados sociais e culturais que impunham a internalização da corporeidade requerida de todos (Souza, 1998, p. 222-223).

A Escola Modelo Benedito Leite demarcava todos os acontecimentos julgados importantes pela ordem que se impunha. Nos relatórios anuais que analisamos, Barbosa de Godóis enfatizava bem o início e término das aulas, as férias, assim como as solenidades que marcavam esses momentos. O relógio se transformou para o ambiente escolar em artefato tão importante quanto significativo, que entre as correspondências/ofícios encaminhadas aos governadores, na que consta do dia 20 de setembro de 1910, Antonio Barbosa de Godóis solicitava o conserto do relógio da escola com urgência. Eis a informação:

Escola Modelo Benedicto Leite  
São Luíz, 20 de setembro de 1910

Ao Exm<sup>o</sup> Snr. Governador do Estado

Necessitando de conserto o relógio destinado a regular os trabalhos desta Escola, solicito-vos as providências necessárias, a fim de que o Almojarife do Estado mande nele proceder com a precisa brevidade ao serviço necessário, para que possa funcionar.

Saúdo-vos

O Diretor

Antonio Baptista Barbosa de Godóis (Godóis, 1910b, p. 1).

O relógio assumiu lugar privilegiado entre os artefatos da escola moderna, passando a regular, como indicado por Godóis na correspondência descrita, o ritmo das atividades, o cálculo dos rituais; organizar o ciclo da existência. Tal mecanização introduziu nova percepção da temporalidade. Possibilitou a contagem das horas, revolucionando a autorregulação das atividades humanas e da organização social. A



igreja, a prefeitura, a escola, as principais edificações integraram o relógio de modo visível, sempre destacado em fachadas exteriores. Os sinos, as sinetas com seus sons “irreversíveis em sua fugacidade e reversíveis em sua repetição diária, serviram de pauta para ritmar a vida das sociedades laicas e acomodar a cronobiologia, os biorritmos circadianos, os códigos naturais que informam os calendários e os relógios” (Pomian K., 1990, p. 43). A São Luís do início do século XX apresentava esses traços em suas fachadas, a exemplo da Catedral da Sé (Figura 1) desta cidade, no ano de 1908.

Figura 1 - Catedral da Sé (1908)



Fonte: Cunha (2008)

O tempo consiste, portanto, em uma propriedade construída, aprendida, experimentada. O relógio, que assumiu a função de regular a vida da infância, é também uma presença, um artefato cultural, parte do programa arquitetônico da escola (Escolano, 1998). Frago (1995) compreende o tempo como um aspecto mais da construção social que da realidade, construção essa que é consequência e implica no estabelecimento de determinadas relações entre o passado, o futuro e o presente. Nesse sentido, o tempo é uma relação, não um fluxo, uma faculdade humana específica ou ato de representação, que coloca à vista de modo conjunto e relacionado o que acontece mais cedo, mais tarde, antes, ou depois.

Uma faculdade de síntese e relação que, junto com a memória, cria e conecta o espaço da experiência e o horizonte de expectativa. Quanto ao tempo escolar,



Frago (1995) compreende-o como pessoal, institucional, organizativo, considerando-o um dos mais poderosos instrumentos para o processo de naturalização e concepção da vivência do tempo mensurável, fragmentado, sequenciado, linear e objetivo, como a única forma a levar às ideias de meta e futuro. Os documentos mostram a forma pela qual a Escola Modelo Benedito Leite foi instituindo o tempo de suas práticas, foi realizando a mudança necessária para a institucionalização de ideias maiores e efetivando a mutação antropológica da qual nos fala Frago (1995). Tinha-se uma forma social hegemônica sobrepondo-se a uma realidade diversa, que, certamente, se mostraria nas tensões presentes, com maior ou menor intensidade, em qualquer realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou o tempo como um elemento em constante transformação na cultura escolar da Escola Modelo Benedito Leite, em São Luís-MA, no período de 1900 a 1920. O estudo destacou a relevância desse tema ao evidenciar como a organização do tempo escolar refletiu mudanças sociais e culturais mais amplas, conformando-se aos ideais republicanos e à modernidade. A pesquisa mostrou que o tempo escolar não se limitava à organização das atividades pedagógicas, mas desempenhava um papel crucial na formação de hábitos, valores e identidades, contribuindo para a estruturação de uma sociedade disciplinada e integrada ao projeto de progresso nacional.

Os objetivos propostos foram alcançados. A análise detalhada dos regulamentos escolares, relatórios e outras fontes históricas permitiu compreender como o tempo escolar foi estruturado e como ele influenciou a cultura educacional e social da época. Foi possível identificar as estratégias de institucionalização do tempo escolar e os seus impactos na vida dos agentes envolvidos, como professores, alunos e gestores. O estudo respondeu ao problema levantado, ao demonstrar que a organização do tempo escolar na Escola Modelo Benedito Leite foi uma manifestação das transformações culturais e sociais impostas pela modernidade e pelo sistema capitalista. A regulamentação do tempo escolar serviu como instrumento de disciplinarização e socialização, ajustando a escola às demandas de uma sociedade em processo de modernização.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que o tempo escolar foi racionalizado



por meio de horários rigorosos, intervalos e calendários cívico-religiosos, integrando-se às práticas culturais e sociais da época. Solenidades como formaturas reforçaram a ideia de que a educação era um instrumento de progresso e civilização. No entanto, desafios como epidemias, abandono escolar e as tensões entre a modernidade imposta e a realidade vivida demonstraram os limites e conflitos desse processo. A pesquisa contribuiu para a compreensão de como a cultura escolar foi construída e moldada por normas e práticas que buscavam disciplinar os indivíduos e promover a ideia de cidadania.

Para aprofundar o tema, sugere-se a realização de estudos comparativos entre outras escolas modelo do período, visando identificar semelhanças e diferenças na implementação do tempo escolar em diferentes contextos regionais.

Entre as limitações encontradas, destaca-se a dependência de fontes documentais oficiais, como regulamentos e relatórios, que podem refletir apenas a perspectiva institucional. Contudo, este trabalho contribui para a área de história da educação ao aprofundar a compreensão sobre a relação entre tempo escolar e cultura escolar no início do século XX. Ele oferece uma análise detalhada das práticas e normas que moldaram a Escola Modelo Benedito Leite, destacando como a organização do tempo escolar foi um instrumento de transformação social. Além disso, a pesquisa ressalta a importância de considerar o tempo como um elemento central na construção da cultura escolar, abrindo caminhos para novas investigações sobre o papel da educação na formação de sociedades modernas. Este estudo reafirma a relevância da educação como um lugar de construção cultural e social, evidenciando como a organização do tempo escolar refletiu e moldou os ideais de progresso e cidadania na São Luís republicana.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Menino antigo (Boitempo II)**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974.

CHARTIER, Anne-Marie. Escola, culturas e saberes. In: XAVIER, Nacif et al. **Escola, culturas e saberes**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.



CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002a.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Algés: Difel, 2002b.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

ESCOLA MODELO BENEDICTO LEITE. **Relatório do Diretor da Escola Modelo Benedito Leite, do ano de 1908, ao governo do Estado**. São Luís, 14 de setembro de 1909. Documentos Avulsos do Arquivo Público do Maranhão.

ESCOLA MODELO BENEDICTO LEITE. **Relatório do Diretor da Escola Modelo Benedito Leite, do ano de 1910, ao governador do Estado Luiz Domingues da Silva**. São Luís, 30 de novembro de 1910. Documentos Avulsos do Arquivo Público do Maranhão.

ESCOLA MODELO BENEDICTO LEITE. **Relatório do Diretor da Escola Modelo Benedito Leite, do ano de 1911, ao governador do Estado Luiz Domingues da Silva**. São Luís, 31 de dezembro de 1911. Documentos Avulsos do Arquivo Público do Maranhão.

FRAGO, António Viñao. **Alfabetização na sociedade e na história**. Porto Alegre: Artes Médica, 1993.

FRAGO, António Viñao. **Culturas escolares, reformas e innovaciones**: entre la tradición y el cambio. 2000. Mimeografado.

FRAGO, António Viñao. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 0, p. 63-82, set./dez. 1995. Disponível em: <[http://anped.tempsite.ws/novo\\_portal/rbe/rbedigital/RBDE0/RBDE0\\_06\\_ANTONIO%20VINA0\\_FRAGO.pdf](http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE0/RBDE0_06_ANTONIO%20VINA0_FRAGO.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2014.

GODÓIS, Antonio Baptista Barbosa de. **O mestre e a escola**. São Luís: Imprensa Oficial, 1910a.

GODÓIS, Antonio Baptista Barbosa de. **Correspondência do Diretor Escola Modelo Benedito Leite ao Exmo. Governador do Estado**. São Luis, 20 de setembro de 1910b. Correspondências do Diretor da Escola Modelo Benedito Leite aos Governadores do Estado do Maranhão: 1900-1914. Documentos Avulsos do Arquivo Público do Maranhão.

GODÓIS, Antonio Baptista Barbosa de. **Relatório do ano de 1908 do Diretor da Escola Modelo Benedito Leite ao Governador do Estado Artur Colares Moreira**. São Luís, 14 de janeiro de 1909a. Documentos Avulsos do Arquivo Público do Maranhão.

GODÓIS, Antonio Baptista Barbosa de.. **Correspondência do Diretor Escola Modelo Benedito Leite ao Exmo. Governador do Estado**. São Luis, 16 de novembro de 1909b.



Correspondências do Diretor da Escola Modelo Benedito Leite aos Governadores do Estado do Maranhão: 1900-1914. Documentos Avulsos do Arquivo Público do Maranhão.

MARANHÃO. Decreto nº 36, de 1º de julho de 1904. Crêa dois grupos escolares na capital e regula o seu funcionamento. In: COLEÇÃO das Leis do Estado do Maranhão, de 1904. Acervo do Arquivo Público do Estado do Maranhão.

MARANHÃO. Decreto nº 46A, de 13 de abril de 1905. In: COLLEÇÃO das Leis, Pareceres do Congresso, Decretos e Decisões do governo do Estado do Maranhão, 1905. [São Luís]: Typ do Frias, 1906.

OLIVEIRA, Antonio de Almeida. **O ensino público**: obra destinada a mostrar o estado em que se acha e as reformas que exige a instrução pública no Brazil. São Luís: [s. n.], 1874.

POMIAN, Krzysztof. **El orden del tiempo**. Madrid: Júcar Universidad, 1990.

SOUZA, Rosa de Fátima. **Templos de civilização**: a implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.